

Ano XXXVIII - N.º 5

Revista Mensal

2,50 €

Maio 2022

MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO



MARIA,
ENSINA-NOS A VIVER O "OITAVO DIA"

Sumário



Maio 2022 | N° 5 | Ano XXXVIII

EDITORIAL

- 3** Maria,
a mulher do Sábado Santo
Frei Severino

HOMEM E SOCIEDADE

- 4** Profetas do nosso tempo
Chiara Lubich
Fabrizio Bordin
- 6** Mundivivências
Maria e Ecologia
Miguel Panão
- 8** Caminho Sinodal
Os jovens e a sinodalidade
Inês Santos e Gonçalo Oliveira

- 10** Pés na Terra
O coração precisa da casa
Inês Espada Vieira

- 12** Artes e Letras
Livros:
Não em nome de Deus
A inteligência da Liturgia
Rui Vasconcelos
Cinema:
Drive my car
Pe. Manuel Monteiro Mendes

- 14** Memória e tradição
Inauguração da estátua de
Santo António, em Lisboa
Pedro Teotónio Pereira

ESPECIAL

- 15** Desenvolvimento
Sustentável
Filipa Pires de Almeida (coord.)
João Duque
João Pedro Tavares
Ricardo Zózimo

IGREJA A CAMINHO

- 24** Traços de uma Presença
Obrigado, querido pai
Juan Ambrosio
- 26** Além do sofá
Cruz da JMJ na Prisão de Viseu
Pe. João Soares e Paulo Rocha

PÁGINAS ANTONIANAS

- 28** Cáritas Antoniana
Santo António dos refugiados
Giulia Cananzi
- 30** Os Sinais de António - 02
Uma questão de amor
Gilberto Borghi e Chiara Gatti
- 33** Devoção
Orações a Santo António
Primeira Terça Feira do mês
- 34** Santo António
mestre da palavra
Visitação de Maria a Isabel
Frei Valentim Strappazon

CONTRACAPA

- 36** Jesus ressuscita, hoje
L. Cammaroto

Diretor
Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)

Diretor-adjunto
Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)

Administrador
Frei Fabrizio Bordin

Redação
Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor
ACMSA - Associação Cultural
Mensajeiro de Santo António,
entidade sem fins lucrativos
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição
Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas

Atendimento:
segunda a quinta
das 10:00 às 12:30
e das 15:00 às 17:00

NOVO Telefone: 239 097 984

Correio eletrónico
assinantes@santoantonio.live

Preço da assinatura anual

Devoto / Portugal:	22 €
Amigo:	50 €
Benfeitor:	100 €
Europa:	40 €
Fora da Europa:	50€ - \$75 (CAN)

Preço avulso:	2,50 €
Números atrasados:	3,50 €

NIB da ACMSA

001000004251041000159

IBAN da ACMSA

PT50001000004251041000159
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão

SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Travessa Sá e Melo, 209
4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612
Depósito Legal n.º 26.837/89

Estatuto Editorial

<https://santoantonio.live/about/>
Edição digital
<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:
2.500 exemplares



Capa: *Fátima, 13 maio 2019*. Foto: EPA/PAULO NOVAIS. Fotomontagem MSA.
Editorial: *Pietà Rondanini* (escultura incompleta, 1564), Michelangelo Buonarroti.
Foto SailKo (Paolo da Reggio) | Commons Wikimedia.
Contracapa: Papa Francisco na prisão de Civitavecchia, perto de Roma, durante o
lava-pés de quinta feira santa, 14 abril 2022. Foto Vatican Media.

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.

AGÊNCIAS ECCLESIA E LUSA (PORTUGAL)

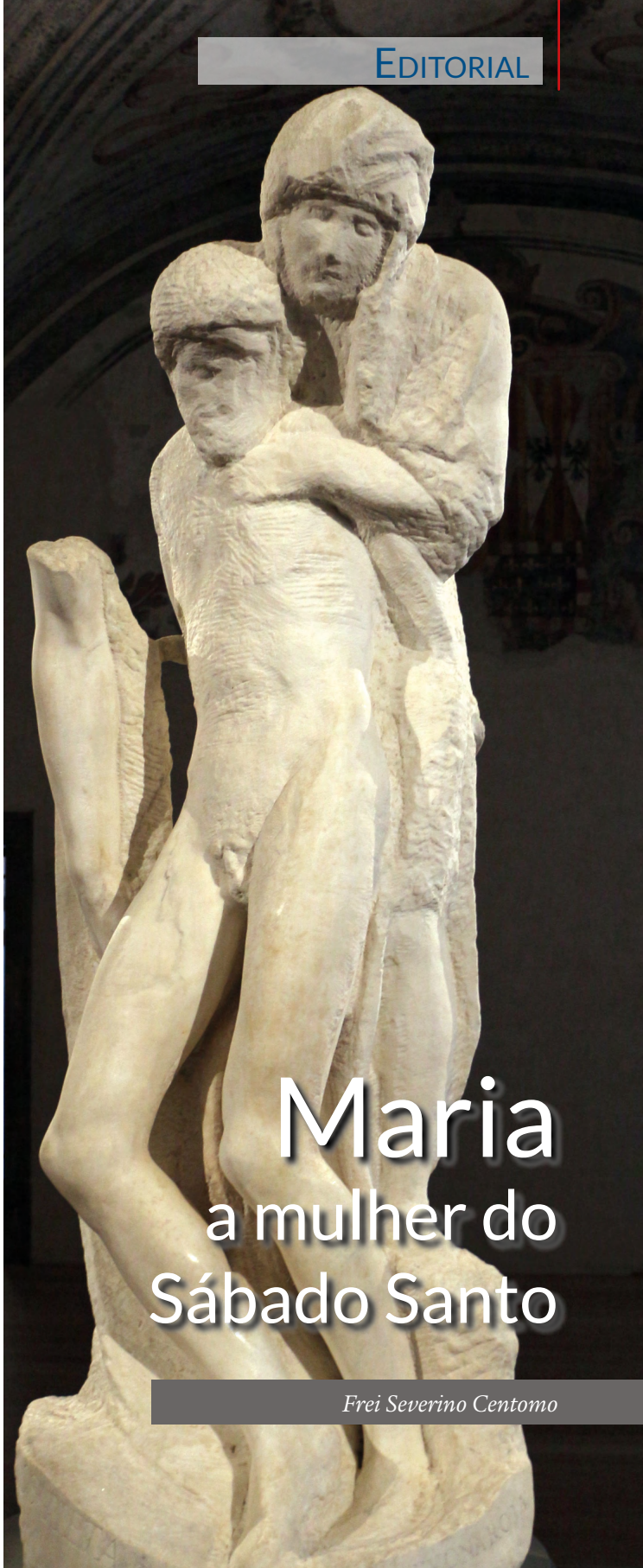
Recordo sempre a agradável surpresa que tive, quando li, pela primeira vez, esta expressão: “Maria, a mulher do Sábado Santo”. Foi na altura da publicação da Carta Pastoral do Cardeal Carlo Maria Martini, então Arcebispo de Milão que, no ano 2000, propôs aos seus diocesanos “uma pausa de reflexão, para entender o sentido de quanto estávamos a viver e a sofrer”.

Nessa altura, vivia-se o período do grande Jubileu do ano 2000, marcado pela azáfama das iniciativas e celebrações, e sentia-se a necessidade de uma paragem “para responder com verdade, esperança e amor à pergunta: para onde vai o cristianismo? Para onde vai a Igreja que amamos?”. O cardeal Martini quis comunicar a resposta que brotava do seu coração: “Estamos no *sábado do tempo*, isto é, no sábado santificado pela ação de Deus, tempo santo em que se concentra a caminhada já realizada e se abre o futuro da promessa, quando chegar para todos o *oitavo dia* do regresso do Senhor Jesus”.

Carlo Maria Martini examinava o desconcerto dos discípulos após a morte de Jesus e via nisto a inquietação de muitos crentes que, hoje, e em particular no Ocidente, se sentiam “perdidos” perante a “derrota de Deus”. Passava, depois, a contemplar a atitude de Maria que, após o silêncio ao pé da cruz, ficou no “silêncio da espera” sem perder a fé no Deus da vida.

A Carta Pastoral do Cardeal Martini oferece, ainda hoje, uma chave de interpretação da situação que a Igreja e o mundo estão a viver, marcada, primeiro, pela pandemia da Covid-19 e, depois, pela guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Diante de um futuro incerto e sombrio, podemos cair na inquietação e no medo, fecharmo-nos na solidão e na tristeza ou, então, seguir critérios mundanos e falsos libertadores.

Maria ensina-nos a importância da fé e oferece-nos a consolação que dela brota. Recordando as palavras do seu Filho: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda...” e testemunhando com a sua vida uma viva esperança, ela ensina-nos a confiar e a deixarmo-nos conduzir pelo Espírito Santo. Quem O acolhe, “recebe o dom de passar com alegria e confiança através dos enigmas da história, colhendo em tudo a realização do projeto de Deus para a salvação do homem”. ■



Maria a mulher do Sábado Santo

Frei Severino Centomo

Maria, mulher do Sábado santo,
ensina-nos a viver o “oitavo dia”!

Chiara Lubich



Frei Fabrizio Bordin

Patriarca Atenágoras e Chiara Lubich, <https://www.focolare.org/pt/>.

A OBRA DE MARIA NOS ESCOMBROS DA II GUERRA MUNDIAL

“É este o nosso propósito: viver como Maria, como se fôssemos mãe de todos os seres humanos”.

Escrevo no momento em que nos aproximamos dos 60 dias de guerra na Ucrânia, perto do início do mês de maio, mês de Maria, e num momento em que habita em nós um grande anseio de paz e de reconciliação. São os ingredientes do carisma desta mulher que atravessou o século XX, deixando um rasto de luz, de amor e de união, no meio dos escombros provocados pela Segunda Guerra Mundial.

Chiara nasceu, a 22 de Janeiro de 1920, em Trento, uma cidade do norte de Itália rodeada pelo encanto das Dolomites, mas também cenário de bombardeamentos durante a Segunda Guerra

Mundial. Batizada com o nome de Sílvia, cresceu no seio de uma família simples e modesta: da mãe herdou uma profunda fé cristã e do pai, socialista, uma acentuada sensibilidade social.

Em 1943, em pleno cenário de guerra, num clima de violência brutal e de medo, Sílvia atraída pela escolha de vida radical de Santa Clara de Assis, tornou-se Terciária Franciscana no Convento dos Capuchinhos e, nas vésperas da solenidade da Imaculada Conceição, a 7 de dezembro, consagrou a sua vida a Deus com o voto de castidade, assumindo o nome de Chiara (Clara).

No ano seguinte, durante um violento bombardeamento da cidade, a sua família decidiu fugir de Trento, mas Chiara tomou a decisão de ficar, por causa de uma “descoberta fulgurante”, como ela contará mais tarde: refugiada num subterrâneo antiaéreo, ao abrir o Evangelho, deparou com estas palavras da oração de Jesus ao Pai: “Que todos sejam um, como eu e tu”.

Esta passagem do Evangelho tornou-se o carisma do Movimento dos Focolares, formado por um grupo de jovens mulheres, a viver num apartamento da cidade, na Praça dos Capuchinhos,

cuja vida era ritmada pela leitura do Evangelho, pelo amor recíproco e pela visita aos pobres nos bairros mais carenciados da cidade de Trento.

Chiara, durante o verão, reunia companheiras e companheiros, nos montes das Dolomites, dando origem às famosas “Mariápolis”, cujo nome significa “cidade de Maria”. Eram encontros de festa, de partilha, de testemunhos, de aprofundamento do carisma a partir dos temas do amor, da unidade, da fraternidade universal, da paz, do diálogo inter-religioso.

Em 1962, o Papa João XXIII aprovou o Movimento com o nome de “Obra de Maria”. Depois, desta árvore surgiram ramificações em resposta aos desafios da Igreja e da sociedade:

- Antes da revolução cultural de 1968, em 1966, Chiara lançou os jovens para serem protagonistas de um mundo novo, um mundo unido. Nasceu assim o **Movimento Gen** (geração nova).
- Em 1967, iniciou o **Movimento das Famílias Novas**, no qual as famílias são os primeiros atores do renascimento da crise, ativando projetos de desenvolvimento por meio de adoções à distância.
- Em 1990, criou a **Escola Abbá**, um centro de estudos internacional e interdisciplinar.
- Em 1991, numa viagem ao Brasil, perante as disparidades sociais que afetam a América Latina, Chiara iniciou o projeto **Economia de Comunhão**.
- Finalmente, em 1996, em Nápoles, lançou as bases do **Movimento Político pela Unidade**.

Chiara percorreu o mundo e as sedes parlamentares das nações, tendo, inclusive sido recebida na ONU, para apresentar as suas linhas inovadoras. Encontrou-se com os principais líderes religiosos do Conselho Ecumênico das Igrejas Cristãs, assim como com instituições muçulmanas, monges budistas e hindus.

Entre tantos encontros, ficou famoso o encontro com o Patriarca de Constantinopla, Atenágoras, poucos dias antes da histórica viagem do Papa Paulo VI a Istambul (janeiro de 1967).

Chiara faleceu a 14 de Março de 2008, em Rocca di Papa, após um longo período de doença. Na mensagem enviada pela sua morte, Bento XVI, afirmou que Chiara era uma mulher “em plena sintonia com o pensamento dos papas que às vezes conseguia intuir antecipadamente”. De facto, Chiara antecipou várias iniciativas dos Papas do pós-Concílio Vaticano II. Eis alguns exemplos:

- As **Jornadas Mundiais da Juventude**, surgiram com João Paulo II, a partir de 1984. Contudo, as **Mariápolis** organizadas por Chiara Lubich na década de Sessenta, tornaram-se as primeiras grandes convocações internacionais de jovens desafiados a construir um mundo novo.
- O **Movimento Ecumênico**, promovido por todos os Papas desde Paulo VI, teve em Chiara Lubich uma grande precursora. Quando São João Paulo II, convocou em Assis, em Outubro de 1986, os chefes das grandes religiões do mundo para caminhar e rezar pela Paz, a mulher mais conhecida de todos era Chiara Lubich.
- Finalmente o tema da economia. O Papa Francisco fala, hoje, de uma **Economia de Comunhão** contra uma economia que mata. As bases daquela que é definida como a “Economia de Francisco”, que coloca os pobres no centro, foram lançadas por Chiara e pelo seu movimento, há mais de trinta anos atrás.

Chiara foi uma mulher carismática que soube consagrar a Maria toda a sua obra! Hoje, pelo mundo, há pelo menos 23 “Mariápolis”, as “cidades de Maria”, em que padres, consagrados e leigos procuram viver o carisma de Chiara Lubich. Estas cidadelas surgiram no meio dos escombros da II Guerra Mundial, por intuição de uma mulher que viu a sua casa destruída pelos bombardeamentos nazis.

Como não dirigir o nosso olhar, neste momento, para “Mariupol”, cidade ucraniana, que está a ser destruída e cujo nome significa, cidade de Maria!

Ouso unir as “Mariápolis” de Chiara Lubich, povoadas de jovens de todas as culturas e raças, num sonho de fraternidade universal, à “Mariupol” da Ucrânia, cidade deserta e arrasada pelas bombas, onde reina o silêncio e a consternação. A Virgem Maria não abandona as suas cidades e a sua “obra de amor”, mas precisa de nós para fazer renascer a esperança de um mundo novo!

Ela [Maria] é Mãe, mãe de Jesus e, espiritualmente, nossa mãe... Devemos ser outra Maria, como mãe... Uma mãe acolhe sempre, ajuda sempre, espera sempre, cobre tudo. Uma mãe perdoa o filho em tudo, ainda que seja um delinquente, um terrorista... Mesmo se, às vezes, o amor de Maria não é correspondido, Ela ama sempre, ama a todos. É este, então, o nosso propósito: viver como Maria, como se fôssemos mãe de todos os seres humanos.

CHIARA LUBICH, *Buscar as coisas do alto*,
Cidade Nova 1993, pág. 36-38) ■

Maria e ecologia

Foto Anna Dziubinska - 2012 | Commons Wikimedia

Miguel Panão

Nossa Senhora sob os abetos, óleo sobre madeira, do pintor polaco Lucas Cranach Starszy, 1510, Museu Arquidiocesano de Wrocław, Polónia. Foto www.lucas-cranach.org, Commons Wikimedia.

A ideia da Terra como mãe no pensamento do papa Francisco provém da capacidade que ela tem de nos dar tudo o que precisamos para viver, assim como faz a mãe que cuida dos filhos.

O que une a Mãe-Terra à Mãe do Céu? A ideia da Terra como uma mãe no pensamento do papa Francisco provém da capacidade de ela nos dar tudo o que precisamos para viver, assim como faz uma mãe que cuida dos seus filhos.

Quando Jesus da cruz nos confia a Maria através do discípulo predileto que estava ao lado, torna-nos seus filhos e, por isso, é natural experimentar-mos que Maria cuida de nós. Mas como pode esse cuidado relacionar-se com a ecologia associada à Mãe-Terra?

Em Dezembro de 2009, Bento XVI refletia por ocasião da solenidade da Imaculada Conceição sobre a pureza de Maria e a vida na cidade. No seu discurso adianta um exemplo prático do tipo de poluição que pode haver relativa à ecologia espiritual (a terceira da tríade entre a ambiental e a humana) e dos eco-mais que lhe estão associados, encontrando em Maria uma via que ajuda a ultrapassar essa crise ecológico-espiritual onde a alma se entende como a totalidade do nosso ser. Diz Bento XVI:

Nós muitas vezes lamentamos a poluição do ar, que em determinados locais da cidade é irrespirável. É verdade: precisamos do empenho de todos para fazer a limpeza da cidade. E, no entanto, existe uma outra poluição, menos perceptível aos sentidos, mas tão perigosa como a outra. É a poluição do espírito, é a que torna a nossa cara menos sorridente, mais sombria, a que nos leva a não cumprimentar os outros, a não olhar para o rosto do outro. A cidade é feita de rostos, mas, infelizmente, a dinâmica colectiva pode fazer desaparecer a percepção da sua profundidade. Nós vemos tudo superficialmente. As pessoas tornam-se corpos, e estes corpos perdem a alma, tornam-se coisas, objetos sem rosto a serem trocados e consumidos. Maria Imaculada ajuda-nos a redescobrir e a defender a profundidade das pessoas, porque nela existe uma perfeita transparência da alma no corpo.

SER UMA PEQUENA MARIA PARA A MÃE-TERRA

Maria cuida de nós ao ajudar-nos a ser mais transparentes como ela. Mas, para isso, seria necessário compreender o convite que Deus nos faz a sermos outras pequenas Maria, sobretudo no relacionamento com a Mãe-Terra.

Ser uma pequena Maria para a Mãe-Terra significa cuidar do ambiente à nossa volta como se fosse uma obra de misericórdia espiritual que, em última análise, pretende orientar o olhar contemplativo do mundo para descobrir o que Deus nos quer ensinar e comunicar. Mas, significa, também, sermos concretos no modo como amamos, à semelhança de Maria que estava atenta aos detalhes como nas bodas de Caná. Ou seja, como obra de misericórdia corporal, ser uma pequena Maria implica aceitar o convite a cuidar da Mãe-Terra com “simples gestos quotidianos nos quais descartamos a lógica da violência, do desfrutamento, do egoísmo (...) manifestando em todas as ações que procuramos construir um mundo melhor” (*Laudato Si'*, 230-231).

A experiência cristã oferece ao mundo um sentido para a nossa existência. Isto é, tudo existe para “viver” como Deus. Sendo Deus Amor, entendido como dom-total-de-si-mesmo, “viver” como Deus é sermos dom e acolher os outros como dom, numa comunhão profunda de pensamentos e atos. E quanto mais profunda for a nossa comunhão com Deus, como Maria, mais profunda será a nossa comunhão com a Terra.

Em “A nossa mãe Terra”, o papa Francisco escreve que “a criação é um lugar onde somos convidados a descobrir uma presença. Mas isso significa que será a capacidade de comunhão do homem a condicionar o estado da criação”. A presença de que ele fala é Deus e a raiz cultural da crise ecológica que pode afetar a nossa sensibilidade a essa

presença está no dano relacional que espelha o desconhecimento daquilo que significa entrar em comunhão com o mundo natural.

A linguagem mais usada para o nosso papel tem sido a do “administrador” ou “guardião” da criação, mas a mais mariana seria a de sermos *cuidadores da comunhão*.

Para isso será necessário tomar consciência de que o mundo não existe para nós, mas como um sacramento da comunhão. Pois, se durante a vida somos cristificados ao receber Jesus, ao morrermos, quando enterados, não seremos comunhão para a Terra?

Os problemas ambientais que vivemos são uma oportunidade para descobrirmos como somos uma só família. Uma família que vai para além da humana e engloba toda a criação. Numa família, as mães estão sempre atentas às necessidades de cada um e não cessam de testemunhar um amor que estrutura o tecido familiar. É um cuidar maternal. A maternidade de Maria deve-se ao facto de se ter deixado transformar pelo Espírito Santo, qual artífice da comunhão como lhe chama o papa Francisco. Em Maria, Deus deu-se em corpo espiritualizado e espírito corporalizado, entrando nos lugares mais íntimos e profundos da nossa existência. Quando cuidamos da comunhão entre nós e entre nós e a natureza, abre-se o coração e a inteligência e cada um pode descobrir-se como um filho da Mãe-Terra e filho de Maria, Mãe do Céu. ■

Os jovens e a sinodalidade

Inês Santos e Gonçalo Oliveira

Grupos de jovens *Passo a Passo* e *Pedras Vivas*, da Unidade Pastoral de Santo António dos Olivais, Coimbra, no retiro em conjunto, fevereiro de 2022. Foto MSA 2022.

A 10 de outubro de 2021, o Papa Francisco deu início a um sínodo que se prolongará até 2023, exatamente sobre a temática da sinodalidade, o que poderá parecer uma enorme redundância.

A palavra sínodo surge da palavra grega *synodos* que significa “caminhar juntos” e que, para os católicos, se traduz numa reflexão conjunta sobre como poderemos construir um futuro de maior proximidade e partilha.

Dado que nem o corretor ortográfico reconhece a palavra “sinodalidade”, é expectável

que as pessoas demorem a perceber qual o desafio que lhes foi colocado em mãos. Assim, como vou fazer agora, todos nós temos que ir aprendendo aos poucos a adicionar a sinodalidade ao nosso dicionário e, consequentemente, ao nosso dia-a-dia. A sinodalidade, como o seu sentido original indica, é a partilha de um caminho que cria proximidade, companheirismo e crescimento, e que nos leva em direção a um objetivo comum, o fortalecimento da nossa Fé.

“Trabalho de Equipa” será uma boa mnemónica para termos presente. Estamos a ser convocados para dar o nosso contributo, não só pelo testemunho da nossa vida e dos que nos

rodeiam, mas também pela tomada da responsabilidade de agir na construção da Igreja. Para tal, teremos que ouvir, partilhar, discutir e arregaçar as mangas! Naturalmente que o nosso maior aliado, a oração, será o um dos motores de arranque para nos sintonizarmos àquela que é a vontade do Pai.

Não sendo a sinodalidade algo de leitura e prática simples, os vários grupos geracionais da Igreja foram chamados a dar a sua opinião sobre o panorama atual da Igreja neste “caminhar juntos”, dos quais os jovens não foram exceção. Depois de várias reflexões e momentos de partilha, estas são algumas das conclusões.

A SINODALIDADE AJUDA O CRISTÃO A CAMINHAR ACOMPANHADO E A NÃO SE SENTIR SÓ.

Mais do que ter alguém com quem fazer a caminhada, trata-se de momentos de entreatura e partilha. Esse alguém é, em primeiro lugar, a família, seguindo-se os catequistas, os animadores, os freis e todos os paroquianos.

TODOS OS QUE CHEGAM FAZEM PARTE DA COMUNIDADE.

Fazem parte da comunidade ‘todos os que chegam’, o que relembra a importância de uma Igreja aberta ao outro, aceitando-o na sua diferença. Não se trata apenas da disponibilidade para acolher, mas também para escutar e reavaliar as nossas razões e modos de fazer.

DEVEMOS PROCURAR TOMAR A PALAVRA, PARTICIPAR E INTERVIR, DEIXANDO DE LADO A INÉRCIA.

As várias “visões” completam a visão geral da comunidade e enriquecem-na. É com elas que se preparam planos de ação a longo-prazo que vão influenciar a nossa vivência em comunidade. Da mesma forma, é importante avaliar as atividades que se realizam e as suas equipas, para que todos se sintam realizados nas tarefas que desempenham. Uma Igreja renovada é aquela que renova quem dela faz parte.

“TODOS TEMOS ALGO PARA APRENDER, CADA UM DE NÓS TEM ALGO A ENSINAR”.

No final de contas, o “Cristianismo é humano e humanizador”. Num grupo de jovens, de mente aberta e espírito crítico, aberto à discussão e à diferença de caminhos, são mais as perguntas que nos surgem, do que as respostas.

SENTIMO-NOS EM SÍNODO, A VIVER A FÉ, RUMO AO HOMEM NOVO.

Na paróquia de Santo António dos Olivais, a caminhada não começou em outubro de 2021. São muitos os momentos em que podemos sentir já a sinodalidade: nos magustos; nos dias festivos de Santo António e de S. Francisco; durante a Vigília Pascal; nas Missas de domingo em que os freis adaptam a linguagem ao grupo que as dinamiza; em espaços criativos e de expressão de opinião como esta revista do *Mensageiro de Santo António*; nas reuniões do Conselho Pastoral Paroquial; no acolhimento aos refugiados e nas campanhas de solidariedade; e em tantos outros exemplos.

OS JOVENS SÃO O PRESENTE DA IGREJA.

Costuma-se dizer que os jovens são o futuro da Igreja. No entanto, podemos também pensar que somos, antes de mais, o presente da Igreja. Somos um presente pelos dons que temos, dons que somos convidados a colocar em prática no presente, hoje e todos os dias.

Como nos disse o Papa Francisco, em outubro de 2021, “Celebrar um Sínodo é sempre bom e importante, mas só é verdadeiramente fecundo se se tornar expressão viva do ser Igreja, de um agir marcado pela verdadeira participação. E isto, não por exigências de estilo, mas de fé”.



Maksym Povoziuk,
stock.adobe.com



O coração precisa da casa

Inês Espada Vieira

Carregando toda uma vida, após ver destruído pela artilharia russa o prédio onde habitava, em Kiev, Ucrânia, 14 março 2022. Foto EPA/PILIPEIA ROMANA. À direita, capa do filme *Kid Galahad*, com Elvis Presley: *Un direct au coeur - Direto ao coração*.

Home is where the heart is
and my heart is anywhere you are
Anywhere you are is home”.

Sob um sol estival, Walter Gulick canta estes versos a Rose Grogan, sentada numa charrete sem tração:

Casa é onde estiver o meu coração
e o meu coração está onde tu estiveres;
por isso, onde quer que estejas, aí é casa.

O filme chama-se *Kid Galahad* (Phil Karlson, 1962) e o apaixonado cantor é Elvis Presley. Talvez a sua memória não evoque desde já a melodia, caro leitor, mas procure no Youtube (ou quem sabe nalgum LP antigo dos que guarda) e vai certamente reconhecer a voz do rei do *rock and roll*.

CASA É ONDE ESTIVER O CORAÇÃO.

Mesmo que não se lembre da música de Elvis, a leitora se calhar já encontrou a frase assim estampada numa caneca da loja dos trezentos ou num quadrinho romântico em tons pastel para pendurar na cozinha.

Casa é uma das palavras mais poderosas da(s) nossa(s) língua(s), não pelas “quatro lettrinhas apenas” com que se escreve, mas pelo que significa.

Venham comigo: chão, teto, paredes, calor, luz, aconchego, refúgio, festa, proteção, família, esperança, construção, saudade, cor, frio, vazio, música, cheiros, choros, ... Em que mais pensa o leitor, a leitora?

A casa é onde está o coração, cantava Elvis Presley.

É daqui que parto, é aqui que chego ou, pelo menos, é o lugar aonde posso voltar. Vagamundos de muitas errâncias, dentro da mala de cartão que cantava nos anos 1980 Linda de Suza (n. 1948), escondemos, como ela, as nossas ilusões. Na verdade, cada vez que alguém parte, independentemente da mala que carrega ou arrasta, leva consigo, como a mais famosa das portuguesas imigradas em França,

*L'univers qui m'appartient
Imprenable, indispensable
Pour demain.*

*Um universo pessoal
e intransmissível, inexpugnável, único e indispensável
para o futuro.*

Que universo era o seu, caro leitor, cara leitora, quando partiu, noutra vida, para as franças, as suíças, os luxemburgos? Se fosse forçado a partir, o que levaria agora?

Em 2016, a *Plataforma de Apoio aos Refugiados* (em colaboração com o *Alto Comissariado para as Migrações*, com o *Instituto Português da Juventude* e com a *Direção-Geral da Educação*) promoveu uma iniciativa de sensibilização de crianças e jovens para as dificuldades de quem tem de decidir sair de casa por ser impossível viver nesse lugar: “E se fosse eu? Fazer a mochila e partir”. A iniciativa teve um impacto importante nas escolas, mobilizando mais de 600 estabelecimentos de ensino para este tema, e talvez valesse a pena reativá-la neste momento, a propósito da guerra na Ucrânia, quando vemos de novo à nossa beira tanta gente a ter de partir das suas casas e das suas vidas.

O início do texto da Francisca Gigante, *O futuro só a Deus pertence* (Sete Margens, 28-2-2022), perturbou-me com a sua banal descrição de um dia comum, introduzida pela locução prepositiva “em vez de”: “Em vez de fazer a cama, em vez de abrir o frigorífico, em vez de abrir o armário à procura de uma caneca de café, em vez de colocar os cereais numa taça, em vez de tomar banho, em vez de arrumar o quarto, em vez de dar os bons dias a quem acordou mais tarde em casa, em vez de sair com a mochila e fechar a porta de casa, em vez de tudo o que é normal antes de sair de casa para o trabalho [...]”.

Em vez de tudo isso, de tudo isto que são os nossos dias corriqueiros, é preciso partir subitamente, partir com pressa e com medo, sair para tentar chegar a outro lado, sabendo que essa chegada não é realmente a um terminal.

As pessoas que fogem das suas casas, dos seus países, de alguma maneira nunca chegam ao destino. Porque ainda que haja um lugar de acolhimento e de descanso, enfim, não há um final. Só houve a urgência da saída e há o apelo ineludível do regresso à casa de partida.

Na vida da pessoa exilada, os verbos *chegar*, *estar*, *ficar*, são sempre conjugados no “modo” transitório. Num misto de esperança e incredulidade, as pessoas que chegam da Ucrânia a Portugal não vêm à procura de aqui viver. Vêm para poder esperar.

Acolher, neste momento, é sobretudo “cuidar da espera”.

Porque casa é onde está o coração, mas às vezes o coração não está lá, anda à procura. Porque não se pode – para já – voltar, mas o coração precisa da casa. ■



Livros

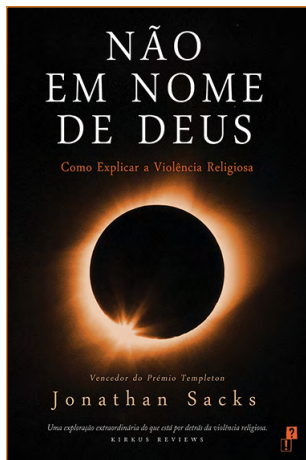
NÃO EM NOME DE DEUS

Jonathan Sacks (1948-2020), rabi britânico, foi líder das comunidades judaicas da *Commonwealth*. Em *Não em Nome de Deus*, é o fenômeno da violência religiosa que é estudado, com a perspectiva pioneira de se situar no interior de uma tradição religiosa específica, o judaísmo. O resultado é uma análise lúcida dos inúmeros fatores, internos e externos à experiência religiosa, que contribuem para o fio trágico que acompanha a história humana e que conhece uma atualidade premente.

O leitor encontrará um estudo profundo e abrangente sobre o fenômeno da violência religiosa, quer a partir de uma leitura dos diversos textos canônicos dos três monoteísmos – judaísmo, cristianismo, islão –, quer da análise das características sociológicas das sociedades ocidentais, com dificuldades em oferecer um credo capaz de edificar uma identidade pessoal. As políticas desenvolvidas desde o século XVIII – a constituição de um estado civil forte e secular – já não são suficientes para travar o uso da violência em nome da religião. A tarefa, agora, é teológica: numa civilização da comunicação global e das redes sociais, cabe aos crentes mergulhar na sua própria história e nas escrituras, compreender os processos de violência e rivalidade que estão na raiz da formação da identidade humana, e encontrar novas respostas e soluções precisamente na Escritura.

Enquanto judeus, cristãos e muçulmanos, temos de estar preparados para fazer as perguntas mais incômodas. Será que o Deus de Abraão quer que os seus discípulos matem em seu nome? Será que exige sacrifício humano? Regozija-se com a guerra santa? Quererá que odiemos os nossos inimigos e aterrorizemos os descrentes?

Será que lemos as nossas escrituras sagradas corretamente? O que nos diz Deus aqui e agora? Não somos profetas, mas somos os seus herdeiros e não estamos desprovidos de orientação nestas questões fatídicas.



Autor
Jonathan Sacks
Edição
Desassossego
Páginas
288

A INTELIGÊNCIA DA LITURGIA

Paul De Clerck (1939), teólogo belga, dedicou o seu percurso académico ao estudo da liturgia cristã, particularmente no âmbito da reforma do concílio Vaticano II. Esta reforma transferiu a ênfase da correta aplicação das rubricas litúrgicas para a compreensão mais ampla e integrada da sua celebração, permitindo a toda a comunidade cristã uma participação mais viva.

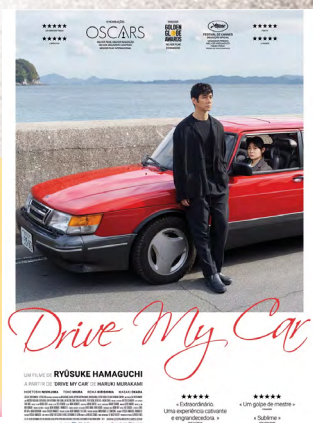
É sobre a compreensão desta celebração que o livro é dedicado. Num conjunto de dez capítulos, numa linguagem acessível para o leitor não especializado, o autor aprofunda múltiplas dimensões espirituais, humanas e eclesiais da celebração litúrgica, descobrindo aspetos e riquezas que habitualmente passam despercebidos. Não são ignoradas as dificuldades e desvios que uma realidade tão ampla e tão essencial como é a ritualidade sofre nos nossos dias, quer na tentação de retorno ao ritualismo vazio, quer na rotina repetitiva e enfraquecida. Percebe-se como o tempo, a cultura, o corpo, as palavras, os cantos, os símbolos e os gestos que enriquecem o espaço litúrgico são uma abertura com que os crentes, reunidos em comunidade, podem fazer a experiência da presença do Ressuscitado nas suas vidas.

Seria inquietante se a liturgia se ocupasse exclusivamente do que se passa entre a sacristia e os degraus do altar. Ter-se-á compreendido que eu não a restrinjo a esse lugar. A liturgia é, efetivamente, um lugar onde a salvação de Deus se anuncia e se celebra; é um lugar de recuperação, onde se é convidado a vir fazer parte do povo de Deus, feliz por anunciar as maravilhas d'Aquele que nos introduz nas alegrias da sua própria existência; um lugar onde se escutam as Bem-aventuranças do profeta de Nazaré, para aí confrontar a sua própria vida; um lugar onde nos é comunicado o Sopro que nos impele e arroja às nossas responsabilidades. ■



Autor
Paul De Clerck
Edição
Secr. Nacional da Liturgia
Páginas
240

O PODER DE SARAR DAS PALAVRAS



Doraibu mai kê, Drive my Car, de Ryûsuke Hamaguchi, Drama, M/12, JAP, 2021. Festival de Cannes 2021: Prémio de melhor argumento, Prémio FIPRESCI, Prémio do Júri Ecuménico, Globo de Ouro de melhor filme estrangeiro.

Pe. Manuel Monteiro Mendes

“Este filme, cuja beleza formal reflete a beleza dos sentimentos que exprime, tocou-nos, porque oferece uma reflexão poética sobre o remorso e a dificuldade em perdoar-se, explica a crítica Mariangeles Almacellas (La Croix), membro do júri (ecuménico), acrescentando que as duas personagens (ao longo do filme) aprendem a procurar o sentido da existência para lá da vida terrestre”.

É uma boa maneira de entrar nestas viagens que o filme *Drive My Car* (que também ganhou um Óscar de melhor filme estrangeiro) nos faz acompanhar ao longo de quase três horas que valem cada minuto. Pela beleza formal, certamente, mas ainda mais pela beleza serena dos silêncios, das palavras, dos gestos, da ritualidade, dos corações que se vão abrindo.

Adaptado de uma novela de Haruki Murakami e realizado pelo japonês Ryusuke Hamaguchi, *Drive My Car*, depois de uma espécie de prólogo inicial, centrado no casal formado por Yusuke Kafuku, ator e encenador carismático, e pela sua mulher, Oto – argumentista de televisão com um processo de criação muito especial –, vai centrar-se num outro par, formado agora pelo mesmo Yusuke, e pela sua motorista, uma mulher discreta e enigmática, Misaki. Takatsuki, um jovem ator que volta a aparecer no casting para o *Tio Vânia* também terá um papel importante.

Depois da morte inesperada e brutal da sua mulher, Yusuke vai ter de reconstruir-se, mas isso só acontecerá se for capaz de olhar-se a si mesmo, sem fugir. Como sabemos, para além de ser difícil, é também um processo longo, e não se faz sozinho. Yusuke vai conseguir encontrar a sua redenção através das palavras do *Tio Vânia*, de Tchekhov – a peça que ele foi convidado para encenar num festival em Hiroshima (não será acaso esta

referência) –; e nas muitas viagens de ida e vinda, no seu Saab 900 vermelho (que ele faz questão de usar), entre o lugar onde está alojado e a sala de ensaios.

É aqui que entra Misaki, primeiro pelo seu silêncio e irrepreensível cumprimento do dever, depois, pouco a pouco, pelas (poucas) palavras, até à viagem final. Também ela carrega o peso de uma infância dolorosa e marcada pela morte. No espaço fechado do carro, nas muitas idas e vindas, uma subtil e discreta amizade vai crescendo entre eles. É isso que vai permitir a ambos confrontar-se com o seu passado, para ‘continuar a viver’, como diz Sónia a Vânia, no final da peça.

É nessa viagem tanto material quanto interior que nos faz entrar Ryusuke, sem qualquer aborrecimento, apesar da duração. Aquelas duas personagens aparentemente frias, mas que partilham uma afinidade pela solidão e igualmente feridas pelo passado, vão ganhando confiança para se abrirem sobre a sua história pessoal. É nesse ‘jogo’ que aparece o fio condutor da narrativa: o poder curador das palavras e a sua capacidade para revelar as pessoas. Todas as palavras, em todas as línguas, também as ditas pelos sinais, na língua gestual.

Sendo um filme sobre o luto e a culpa, parecendo mesmo durante muito tempo andar à roda do passado, cada um fechado na sua tristeza, sem sair do lugar (como é sugerido numa outra peça de teatro *A Espera de Godot*, no início), será a grande viagem à terra de Misaki e ao seu passado que vai mostrar-nos como ambos descobrem que é possível seguir em frente.

Kafuku dando a mão a Misaki para subir uma escarpa na neve (bem como a cena final do *Tio Vânia*) são a imagem da redenção e do futuro que nascem do amor e da verdade.

Inauguração da estátua de Santo António, em Lisboa

Pedro Teotónio Pereira
Museu de Lisboa
Santo António

No dia 12 de maio de 1982, o Papa João Paulo II, por sua iniciativa e devoção, foi recebido pela presidente da Câmara Municipal de Lisboa e demais autoridades, na Igreja de Santo António junto à Sé Catedral. Foi no decorrer da primeira visita do Papa a Portugal e foi um momento simbólico na viagem do Sumo Pontífice, que atestou a importância do santuário em Lisboa, que se ergue no local onde Santo António nasceu, no final do século XII.

A Câmara Municipal de Lisboa quis perpetuar esta visita e, na ocasião, o Papa inaugurou a estátua de Santo António, erigida junto à igreja. É uma estátua da autoria de Domingos Soares Branco, que para além da tradicional imagem de Santo António com o Menino sobre o livro, é complementada com a representação de alguns episódios e milagres mais marcantes da vida do Santo.

Imediatamente se tornou num dos lugares mais importantes de devoção a Santo António e, durante todo o ano, é ponto obrigatório para colocação de velas e outras ofertas, local discreto de orações e pedidos, a que se junta a tradição de lançar uma moeda ao Santo casamenteiro. Se a moeda lançada ficar no livro que o Santo segura, o casamento é certo. O desafio não é fácil, mas a persistência é mais forte.

Mas é nas festas de junho e durante a Trezena a Santo António que estas manifestações – que unem o sagrado e o profano – têm mais fervor. Como é o santo casamenteiro, é na estátua que as noivas dos Casamentos de Santo António vêm colocar o seu *bouquet* no final da cerimónia, que se realiza na Sé Catedral, a 12 de junho.

No mês em que se evocam os 40 anos da sua inauguração, o Museu de Lisboa – Santo António editou uma investigação coordenada pelo historiador Paulo Almeida Fernandes, que reúne material inédito sobre esta icónica estátua de Santo António e identifica as inúmeras obras que o escultor Domingos Soares Branco deixou na cidade de Lisboa. ■



O Papa João Paulo II visita a Igreja de Santo António, em Lisboa e inaugura a estátua de Santo António. © Global Notícias.

Desenvolvimento Sustentável

Desafio ou Responsabilidade?

Três visões diferentes e complementares sobre a temática do Desenvolvimento Sustentável:

- João Duque, teólogo e professor de Teologia na Universidade Católica portuguesa;
- João Pedro Tavares, Presidente da ACEGE (Associação Cristã de Empresários e Gestores);
- Ricardo Zózimo, Professor Auxiliar de Gestão na Nova SBE.





DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



Filipa Pires de Almeida

O Especial de Maio da revista *Mensageiro de Santo António* reúne a contribuição de três autores muito distintos que nos trazem visões diferentes e complementares sobre a temática do Desenvolvimento Sustentável.

João Duque, teólogo e professor de Teologia na Universidade Católica portuguesa, alerta-nos, com uma visão curiosa, para a passagem do antropocentrismo ao pós-humanismo. Coloca-nos assim perante a grande questão do Desenvolvimento Sustentável: qual o papel do Homem e qual a sua responsabilidade?

João Pedro Tavares traz-nos a perspectiva do líder empresarial e do seu papel no Desenvolvimento Sustentável. Chama-nos a atenção para a necessidade premente de uma mudança da mentalidade empresarial, que deve ir além do lucro, para que a gestão seja responsável e seja “cuidado” de todos os envolvidos na comunidade empresarial. Só assim, poderemos, todos, ser agentes de mudança.

Por fim, Ricardo Zózimo desafia-nos a olhar com olhar crítico sobre a organização da Igreja Local e como esta, através dos seus membros afeta (ou não) o desenvolvimento integral do Homem e, por consequência, da Casa Comum.

Esta pequena introdução ou prólogo, cabe-me a mim que, como organizadora, procurarei, de forma sucinta, dar uma visão agregadora deste conceito de Desenvolvimento Sustentável, sua evolução e seus desafios para nós, para a Igreja e para o Mundo.

O conceito de Desenvolvimento Sustentável é recente, se o olharmos no espectro temporal que abarca a vivência do Homem sobre a Terra. Num planeta com cerca de 4,5 biliões de anos, o homem moderno habita nele há cerca de 200 mil anos. No entanto, e após centenas de milhares de anos de vida humana moderna, apenas em 1972 se começou a falar de forma séria sobre o tema do Desenvolvimento Sustentável, com o lançamento da obra: *Os limites do crescimento*, da autoria de Donella and Dennis Meadows, Jørgen Randers e William Behrens. Os autores alertam para o crescimento da industrialização, desde 1850, o que nos levaria a uma destruição do planeta, através da hiper-industrialização e poluição. Os mesmos autores disseram, em 1972, que havia a possibilidade de uma reversão da História, substituindo o crescimento exponencial por um “*desenvolvimento equilibrado*”, respeitando os limites do planeta, num período de 50 a 100 anos, desde essa mesma data.

É nesta mesma altura que é lançado o Clube de Roma e que a ONU organiza a grande Conferência de Estocolmo, de 5 a 16 de junho de 1972, com o objetivo de promover o equilíbrio entre desenvolvimento económico e redução da degradação ambiental. Assistíamos ao início da discussão dos temas do Desenvolvimento Sustentável.

Passados exatamente 50 anos, estamos em 2022 e em plena *Década da Ação* (proclamada pela Organização das Nações Unidas). Esta *Década da Ação* alerta-nos para a emergência da nossa ação até 2030. Se nada for feito nos próximos 8 anos, até 2030, e se até 2050 não conseguirmos respeitar o limite do aquecimento global, mantendo-o abaixo dos dois graus da era pré-industrial, acordados em Paris, em 2015, atingiremos limites não controláveis que poderão tornar a vida sobre a Terra impossível para muitas espécies, incluindo a espécie humana. Perante este cenário o desafio é real. E como nos questionará, mais à frente, João Duque, qual será o papel e a responsabilidade do Homem neste contexto?



Para saber mais: <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>

Em 1987, há 34 anos, é pela primeira vez apresentado, no *Relatório Brundtland*, o conceito de Desenvolvimento Sustentável como “o desenvolvimento que permite satisfazer as necessidades atuais sem comprometer a habilidade das futuras gerações de atender às suas próprias necessidades”. Este conceito, muito simples e compreensível, pode hoje ser colocado como o grande guia de decisão dos líderes mundiais e empresariais.

Se assim o fosse, como nos indica João Pedro Tavares, todas as partes interessadas seriam equacionadas na tomada de decisão e o mundo dos negócios não seria fonte de destruição, mas sim, de criação de valor. Este guia na tomada de decisão existe na verdade e é bastante específico. Em 2015, além do *Acordo de Paris*, houve outro grande marco na História da Humanidade. Foi lançada a *Agenda do Desenvolvimento*

Sustentável, composta por 17 objetivos, 169 metas e 232 indicadores: os *Objetivos do Desenvolvimento Sustentável*. São a Agenda Comum da Humanidade, a única linguagem universal capaz de nos levar a um caminho de prosperidade partilhada e o único acordo de metas universais subscritas pelos 193 Estados-membros das Nações Unidas, chefes de estado e representantes de empresas e indústria global.

Assim sendo, e sabendo nós que em 200 mil anos de História, não podemos deitar tudo a perder em menos de 100 anos, é-nos colocado o Grande Desafio: promover um desenvolvimento que seja equilibrado, que cuide da criação de Deus e que nos dignifique na nossa condição de “Cuidadores da Terra”. Esta é, afinal de contas, a missão primária, que nos foi confiada pelo criador.

É precisamente neste ponto, que o Papa Francisco toca quando nos chama a “Louvar a Criação” na *Laudato Si* e a “Cuidar do Irmão” na *Fratelli Tutti*. Na verdade, o papel da Igreja, como bem foca Ricardo Zózimo, não é o papel de uma instituição oca, demasiado grande ou distante para que o consideremos impessoal. A Igreja somos nós, tu e eu, e desde a nossa realidade somos chamados ao “nosso” *Desenvolvimento Pessoal* para assim contribuirmos para o *Desenvolvimento Global Sustentável*, para o qual todos somos chamados a contribuir.

Este ano, as Nações Unidas celebram os 50 anos da Conferência de Estocolmo com a organização da Grande Conferência, no mesmo local, intitulada: *Stockholm + 50*. Guia-se pelo mote: “*Um planeta saudável para a Prosperidade de Todos! A nossa responsabilidade, a nossa Oportunidade*”.



O LUGAR DO HUMANO NO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL A VISÃO DA TEOLOGIA



João Manuel Duque

Se olharmos alguns anos para trás e colocarmos em nós o olhar da criação, o que nos pede o Senhor? “Qual a “minha” responsabilidade?”, pergunta-te!

Seja qual for a tua resposta, a Esperança perdurará sempre, pois a criação será sempre obra do Criador, não nossa:

No princípio, Deus criou o céu e a terra, a terra era um caos sem forma nem ordem. Era um mar profundo coberto de escuridão; mas sobre as águas pairava o Espírito de Deus.

Genésis, 1 e 2. ■

Tem sido frequente, no recente debate ecológico, atribuir precisamente ao judaísmo e ao cristianismo a responsabilidade pela construção daquela perspetiva de relação dos humanos ao resto do mundo – genericamente denominada antropocentrismo – que conduziu ao paradigma da exploração do mundo não humano, tanto animal como vegetal ou geológico, num processo interminável, que com a intensificação tecnológica resultou no denominado antropoceno.



Pintura biodegradável, tintas de carvão, giz, água e leite, do artista franco-suíço Saype, projeto *Beyond Walls* (Além das Paredes). Bienal de Veneza 2022. Foto EPA/VALENTIN FLAURAUD.

No antropoceno, ao contrário do holoceno a que sucede, o impacto dos humanos sobre o planeta tem efeitos significativos, potencialmente desequilibradores e destrutores. O apelo, apresentado em Gn 1, 28 para crescer e “submeter a terra” estaria na raiz dessa influência. Mas será mesmo assim?

É claro que a terminologia usada nos textos referidos é “forte” e pode permitir essa leitura. E também é certo que, sobretudo através da sua transformação moderna e com o desenvolvimento da ciência e da correspondente tecnologia, a relação do humano com o resto do mundo, na contraposição dualista entre cultura e natureza, acabou por resultar num processo de exploração sem limites; os humanos, assumindo-se como donos absolutos do planeta, consideraram poder fazer com os recursos existentes tudo o que desejassem, sem consequências problemáticas.

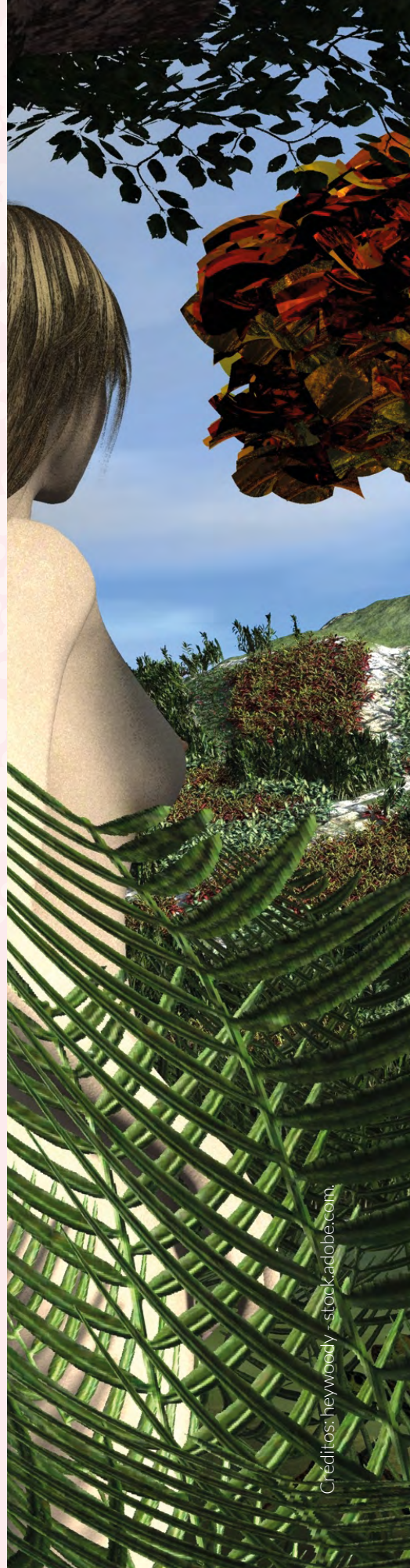
No entanto, apercebemo-nos cada vez mais que as consequências são graves e que pode haver um fim, provocado precisamente por nós. E isso tem-nos levado a repensar o lugar do humano no seio do planeta. Será que o novo modo de conceber esse seu lugar contradiz o modo como as tradições judaica e cristã o concebiam? Ou a questão é mais complexa?

O Papa Francisco, na *Laudato Si'*, dedica a este assunto – que é o assunto teológico e antropológicamente mais significativo da discussão – o segundo e o terceiro capítulos. Do ponto de vista fundamental, ainda que o referido texto de *Génesis* seja um

texto bastante agressivo, a sua compreensão do humano está bem distante da deriva a que a modernidade deu corpo e impulso. O próprio texto referido enquadra-se num contexto em que o humano tinha sido colocado num jardim, que lhe foi confiado para o cultivar (Gn 2, 15).

Assumindo a metáfora fundamental do texto – já que o texto é para ler precisamente nesse significado inspirador, e não como texto histórico – a terra foi entregue por Deus ao cuidado do humano; não é seu produto nem sua propriedade. Ao humano também não é dada a posse da terra, mas a missão do seu cuidado. Aliás, sendo o jardim marcado sobretudo pela presença da vida, nas suas variadas formas – para além dos outros recursos não vivos – o grande problema originário é, precisamente, a pretensão de se apoderar da “árvore da vida”, como se os humanos fossem seus proprietários. O “pecado original” seria precisamente essa pretensão de propriedade fundamental e sem limites. E quando essa pretensão é auxiliada com as possibilidades tecnológicas, então transforma-se em tecnocracia.

É precisamente a este tópico que Francisco dedica o 3º capítulo, discutindo aí a questão do antropocentrismo. De facto, a junção do sonho de poder absoluto sobre o mundo (também sobre as outras pessoas), típico de certa ideologia moderna, com a capacidade tecnológica entretanto adquirida, é que tornam o antropocentrismo problemático.





Interpretado como posse absoluta do mundo e aplicado sem limites, conduzirá à progressiva destruição das condições gerais de vida no planeta, espécie a espécie, com graves consequências sobre as condições de vida dos humanos, mas sobretudo com consequências catastróficas para todo o planeta.

A reação de certas tendências contemporâneas a esta perspectiva – que denominam, genericamente, humanismo – tem levado à afirmação do denominado pós-humanismo, claramente não antropocêntrico. No lugar do humano coloca-se a vida (vitalismo ou biocentrismo) ou a terra, no seu conjunto (geocentrismo), ou então o habitat como ambiente equilibrado (ecocentrismo).

No entanto, esta destituição do humano a uma manifestação da vida, entre muitas outras, ou a um elemento do planeta, entre muitos outros, não deixa de ser problemática. É certo que favorece a consciência de pertença a algo mais vasto, o que é verdade; favorece também a consciência de dependência em relação aos múltiplos agentes do ambiente, o que também é verdade.



Mas não permite pensar, sequer, a específica responsabilidade do humano, nomeadamente como potencial culpado de muita destruição que acontece (nomeadamente de muitas espécies), dos efeitos sobre o clima e das consequências sociais que daí possam resultar (já que os pobres são sempre os mais atingidos, como recorda Francisco).

Mas a questão não se fica pela culpabilização. Numa visão completamente pós-humanista e anti-antropocêntrica, a responsabilidade positiva, em relação ao que pode ainda ser feito, também não teria enquadramento.

Se não somos mais do que qualquer outro animal, ou árvore, ou pedra, não poderemos ser chamados a responder, em liberdade, por qualquer responsabilidade no cuidado do planeta. Não seremos, pois, convocados a cuidar do jardim que nos foi confiado e que não é nosso – nem de nenhum indivíduo, nem de nenhum grupo ou cultura ou país. Porque, para assumirmos essa responsabilidade, temos que nos perceber como sujeitos éticos e, nesse sentido, como diferentes dos outros habitantes do planeta, embora a todos ligados. Nem mais, nem menos. ■



Papa Francisco na prisão de Civitavecchia, perto de Roma, à conversa com um recluso, durante o lava-pés de quinta-feira santa, 14 abril 2022. Foto Vatican Media.

Do mesmo modo o líder deve ser um promotor deste mesmo propósito para todos os envolvidos (*stakeholders*). Todas as organizações devem convergir no sentido de contribuírem para a criação de valor económico, social, ecológico, mas, também, pessoal, familiar e comunitário, na promoção de capacidades partilhadas e no bom uso dos recursos.

Também a forma como são conseguidos os resultados importa, sendo imprescindível que as organizações cumpram obrigações éticas, de respeito pela dignidade da pessoa, de uso adequado dos recursos (sem abuso ou uma pegada que comprometa o planeta), de transparência, de espírito de serviço ou de justiça económica (que é contrária à especulação ou aproveitamento ilícito da conjuntura).

O foco deve ser de o desenvolvimento e não apenas o crescimento. Existe uma crescente consciência de que a responsabilidade das empresas vai para lá do curto prazo ou do foco nos resultados estritamente financeiros o que levou a que se desenvolvessem iniciativas de responsabilidade social, tendo sempre presente que esta deve antes ser antecedida pela responsabilidade e compromisso pessoal, em particular de quem lidera. Existem relatórios e indicadores, mas são apenas partes de um longo caminho que ainda vai no seu início.

A título de exemplo, importa referir que estudos recentes comprovam que existem bolsas de pobreza em famílias de pessoas que trabalham e, nesse sentido, os líderes empresariais estão a mobilizar-se para aferir a situação das famílias à sua responsabilidade, de modo a comprometerem-se com iniciativas que possam erradicar a pobreza nessas famílias.

A ACEGE irá lançar o semáforo para avaliar estas situações e mobilizar muitos agentes que se irão comprometer no acompanhamento e, se possível, na erradicação das situações de pobreza. Todo este trabalho partirá das famílias e das empresas. Sendo o mundo do trabalho e das empresas um agente económico muito relevante, importa mobilizá-lo para objetivos que extravaçam os tradicionais limites.

LIDERAR É SERVIR UMA NOBRE VOCAÇÃO



João Pedro Tavares

A missão de um líder empresarial ou de uma empresa não pode, não deve ser o lucro. Sendo o lucro fundamental para a sustentabilidade da atividade económica deve ser encarado como um meio para um fim maior que é criar e distribuir valor de uma forma justa e responsável.



Deve-se, pois, fomentar a visão da empresa como uma comunidade que inclui os seus colaboradores e as suas famílias, mas também os seus clientes, os seus fornecedores e a comunidade em geral em que se insere. As empresas, os seus colaboradores e, em particular, os seus líderes, devem atuar como motores do desenvolvimento sustentável.

Por outro lado, apesar das dificuldades específicas que se nos colocam, o tempo presente oferece-nos imensas oportunidades. Confrontados com um planeta que tem sido explorado para lá dos seus limites de rejuvenescimento, com recursos cada vez mais limitados e que precisam de ser partilhados para que possam chegar a todos e não apenas a alguns. Assolados por uma pandemia absolutamente inesperada seguida de uma guerra que nos toca de perto, somos apanhados sem preparação e poderemos reconhecer que não somos tão autosuficientes quanto pensávamos, não temos capacidade de planear tudo, não temos respostas nem soluções para tudo. É por isso fundamental cooperar em objetivos que sejam comuns, partilhados e convergentes sem extremar posições, nem fomentar individualismos.

Por todos estes motivos, o tempo presente oferece-nos, enquanto líderes empresariais, a oportunidade (forçada) de entendermos, em conjunto, que os modelos do passado precisam de ser mudados e repensados. Não se trata de ignorar o passado, mas, precisamente, de o tomar como lição procurando reconstruí-lo de forma distinta, com outro alcance. Não vivemos um tempo de trevas, mas de esperança. Não vivemos um tempo perdido, mas de enorme valor, apesar do sofrimento e da perda. As empresas e as instituições, os líderes e o mundo do trabalho terão de ser, obrigatoriamente, muito diferentes, com novas responsabilidades e desafios. Com maior impacto e justiça. Como agentes de desenvolvimento sustentável. ■



Companhia de Dança Martha Graham, no Festival de Dança de Skopje 2022, República da Macedónia do Norte, 20 abril 2022. Foto EPA/GEORGI LICOVSKI

UMA OPORTUNIDADE DE LIDERANÇA AO NÍVEL PAROQUIAL?



Ricardo Zózimo

A organização da Igreja Católica em paróquias, pequenas unidades territoriais que existem para fortalecer socialmente as suas populações, pode ser vista como antiquada e estanque num cenário onde a mobilidade de pessoas e bens é hoje uma certeza. No entanto, esta capilaridade, e a possibilidade real que a Igreja tem de chegar a todos os cantos do mundo de uma forma consistente e autónoma, é vista aqui como uma força potencial de mudança no mundo.

Já em 2017, o Papa Francisco afirmava que “As Paróquias têm que estar em contacto com os lares, com a vida das pessoas, com a vida do povo. Têm que ser casas em que a porta esteja sempre aberta para sair para os outros”.

No entanto, a função das paróquias está a mudar significativamente. Fruto de uma relação entre a Igreja e sociedade sempre em evolução, está hoje a ser pedido às paróquias que acrescentem outras valências à sua vincada função social. Por exemplo, à boleia da *Laudato Si'* – a encíclica escrita pelo Papa Francisco sobre a responsabilidade do cuidado da casa comum e a intersecção entre a ecologia e a espiritualidade – levantam-se inúmeras possibilidades de liderança ambiental para as paróquias.

A primeira tem a ver com o incluir o ambiente e as decisões ambientais no centro das suas decisões de carácter social. Depois, e tal como as paróquias defendem socialmente os seus membros, este virar ambiental preconizado na *Lau-*

dato Si' foca a atenção dos párocos em defender ambientalmente as suas regiões. Isto significa, por exemplo, que as paróquias deveriam conhecer ambientalmente a sua região, perceber como os ciclos ambientais se relacionam com os ciclos sociais, organizar atividades de cariz ambiental e desenvolver um plano alargado de desenvolvimento ambiental com vista à melhoria das condições ecológicas da paróquia.

Penso que aqui, o grande desafio que emerge da *Laudato Si'* é compreender a nível paroquial o seu espaço de ação. Para tal é fundamental pensar de uma forma complementar. Que papel de liderança podem ter as paróquias de modo a que se constituam como um espaço de ação cívica e política? A *Laudato Si'* dá pistas interessantes. As paróquias podem ser espaços de aprendizagem acelerada entre pares para questões de mudança de estilo de vida, para a integração da natureza na espiritualidade e para o desenvolvimento de soluções inovadoras que possam depois ser replicadas noutros locais.

A evolução ao nível paroquial é também expressa na *Fratelli Tutti*, a mais recente encíclica do Papa Francisco. Aqui o Papa alerta para a interdependência dos sistemas sociais, ambientais e económicos. O desenvolvimento social de cada ser humano depende da forma como a sociedade lhe permite desenvolver esta intersecção dos três sistemas de forma equilibrada. Neste caso, o papel da paróquia é constituir-se como ponto de intersecção, que, através da ajuda entre paroquianos, permita incluir mais que excluir e dar mais que receber. O Papa Francisco fala na *Fratelli Tutti* do papel dos vizinhos – e uso de propósito a expressão *papel* nas suas vertentes económica, ambiental e social. O papel dos vizinhos é fazer com que todos vivam uma vida digna e próspera, ambientalmente responsável e socialmente ativa.

Fazer das unidades paroquiais centros de desenvolvimento sustentável que assegurem este equilíbrio económico, ambiental e social é seguramente um dos pilares do futuro das paróquias. Tenho a certeza de que as palavras e o encorajamento do Papa Francisco serão centrais nos processos de liderança dos próximos anos a nível paroquial. ■

Obrigado, querido pai

Juan Ambrosio

Não eram estas as linhas que tinha pensado escrever, se bem que elas também se fundamentam na fé na ressurreição. Duvidei mesmo se as devia escrever, mas acabei por decidir partilhar aquilo que, nestes dias, habita o meu coração, aquilo que tem dado forma às palavras com que se faz a minha oração.

Já tive a ocasião de o dizer em alta voz, quero agora deixá-lo em forma escrita, porque sinto essa necessidade, porque encontro neste espaço um bom lugar para o fazer, porque sei que aqueles que são responsáveis pelo *Mensageiro de Santo António* e aqueles que me leem compreenderão e me perdoarão este exercício tão pessoal.

Na Semana Santa fui surpreendido com uma notícia inesperada. O nosso bom Deus acolheu o meu pai nos seus braços. Ele já celebrou a Páscoa juntamente com a minha mãe, de quem ele sentia tanta falta. Apesar de ter 85 anos, quase 86, e de estar com uma demência bem avançada, a saúde não dava sinais de grande preocupação.

Já estava num lar, onde foi sempre muito bem cuidado e onde o pudemos visitar muitas vezes. Poucos dias antes tive mesmo a oportunidade de estar com ele e de verificar, com alegria, que continuava a reconhecer-me e a saber o meu nome. Por isso aquele telefonema, no início daquela tarde, me apanhou totalmente desprevenido. O meu pai, depois do almoço, tinha-se sentado para dormir a sua sesta e já não acordou. Demorei algum tempo a processar o que me estava a ser dito. Há sempre palavras que ficam por dizer, há sempre palavras que são ditas a mais. Todas elas me vieram à cabeça. Já não podia pedir-lhe perdão por ter dito algumas, já não seria capaz de o fazer ouvir outras.

Mas passado aquele primeiro impacto percebi, porque acredito verdadeiramente na ressurreição e na comunhão de todos aqueles que vivem em Deus, que o podia fazer. E no segredo da oração fi-lo.

Muitas outras coisas ficarão também nesse âmbito, mas aqui quero partilhar de viva voz um agradecimento que me brota do fundo do coração, um agradecimento que está intimamente relacionado com a experiência do cuidado.

Nestes dias tenho-me sentido carinhosamente cuidado por tantos familiares e amigos, por isso a minha primeira palavra de gratidão e de ação de graças se dirige a todos aqueles que, das mais diversas maneiras, se fizeram presentes. Deus sabe como a sua presença e oração foram sustento precioso.

Mas quero aqui nomear algumas pessoas em concreto. É justo e necessário que o faça, porque foram fundamentais no cuidado do meu pai. Nessa linha não posso deixar de referir o Clívio e a Guiomar, dois primos que viviam na casa ao lado e que sempre o acompanharam. Obrigado do fundo do coração. Refiro também as Cooperadoras da Família, era num dos seus lares que o meu pai estava. Testemunhei sempre o carinho com que o cuidaram. Não é que isso me surpreenda, pois conheço-as bem, mas quero aqui deixar explícito o meu agradecimento.

Há 14 anos atrás a Cristina (a minha mulher) prometeu à minha mãe que cuidaria do meu pai. E cuidou! De uma maneira inexcusável, muitas vezes mesmo com muito mais atenção do que eu e o meu irmão. Por isso quero aqui dizer bem alto: obrigado querida Cristina, és para mim uma bênção que nunca agradecerei o suficientemente a Deus.

Não quero também deixar de agradecer ao nosso bom Deus tantos e tantos momentos maravilhosos que vivi com o meu pai. Neles pude bem fazer a experiência do que é o Seu Mistério de Amor.

E finalmente uma última palavra que pode parecer fora de ordem, mas que neste texto não está. Nesta palavra quero dizer tudo o que habita o meu coração e com ela afirmo também a minha fé na vida que a Ressurreição inaugura. Dirijo-a ao meu pai que, juntamente com a minha mãe, vive agora em Deus: obrigado querido pai. ■



O pai do artista lendo o jornal. Louis-Auguste Cézanne, 1866, National Gallery of Art, Washington DC, EUA. Commons Wikimedia.

Cruz da JMJ no Estabelecimento Prisional de Viseu

Pe. João Soares, CM
Capelão do Estabelecimento Prisional de Viseu

Sempre que falamos em cadeia ressoa a ideia de um lugar longínquo onde, à partida, seguros da nossa bondade, achamos que nunca iremos parar, e por vezes, nasce em nós até um sentimento de desprezo. Infelizmente, o nosso olhar fica mais escuro quando falamos dos residentes deste local. Consideramo-los muitas vezes criminosos que devem permanecer lá para pagarem pelo que fizeram.

Mas esquecemo-nos que estes homens e mulheres reclusos são pessoas e que, por detrás de cada uma destas pessoas, existem famílias, contextos e, sobretudo, uma dignidade que se deve manter. Esquecemo-nos de que cada um de nós poderia ser um destes homens e mulheres que, devido a má sorte, à falta de uma família, de educação e de amor caíram em desgraça.

Entrar num estabelecimento prisional é recordar, não apenas o amor de Deus, mas o por que amo a Deus! Amar alguém que me pode trazer vantagens, estatuto e influência é fácil, pois sabemos que receberemos algo em troca. Mas quando a proposta é amar alguém que não tem nada para oferecer além do seu pecado e da sua miséria, a coisa muda de figura. Talvez porque ainda estamos habituados a dar aquilo que nos sobra e não aquilo que temos.

Entrar num estabelecimento prisional obriga-nos a ir ao fundo da nossa existência cristã e a ver o amor de Deus em ato. Se amar é darmos-nos como Jesus se deu na totalidade, então podemos ver isso em cada prisioneiro. Eles dão tudo desde o seu pecado e miséria, a sua privacidade, a sua liberdade, em suma, tudo aquilo que têm tal como Deus. Dali só podemos esperar a eles mesmos e receber a única recompensa que é o amor de Deus.

Hoje, dia 20 de abril, fez-se Páscoa no Estabelecimento Prisional de Viseu.

A Cruz das JMJ foi ter com os prisioneiros e aqueles que nada têm puderam sentir a alegria Daquele que tudo lhes pode dar.

Foi com alegria e fé que cada prisioneiro tocou naqueles símbolos e pôde sentir que a Igreja não os abandona nem descarta e que, apesar de serem poucos os que deles se lembram, Deus nunca os abandona, mesmo e principalmente, quando existe pecado. Recapitulando as Palavras de São Paulo “onde abunda o pecado superabunda a graça”.

Como capelão foi um momento especial, sobretudo experimentar que são estes homens que dão sentido ao meu ministério e que é neles que experimento a presença amorosa de Deus. A vinda destes símbolos trouxe luz a todos aqueles que os acompanham, desde os voluntários da capelanía até aos guardas e funcionários, assim como à direção do estabelecimento, a quem agradecemos a disponibilidade para receber esta iniciativa.

A vinda destes símbolos foi um presente de Deus para estes homens. Foi uma luz para os dias cinzentos, uma alegria para a tristeza, um alívio para a dor e uma esperança para aqueles que acham que a sua vida termina ali! Hoje, fez-se amnistia para estes homens! ■

CARTA-COMPROMISSO

JUNTOS POR UMA JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE MAIS SUSTENTÁVEL

O Santo Padre desafia-nos a criar um evento jovem. É pois com mente fresca e criativa, bem como lúcida e responsável, que olhamos para a JMJ Lisboa, em agosto de 2023.

Devemos aprender com a experiência adquirida em jornadas anteriores, promovendo a criatividade e a inovação.

É nossa missão construir a JMJ Lisboa 2023 tendo presentes os objetivos de sustentabilidade abraçados mundialmente, os *Laudato Si' Goals* apresentados pelo Vaticano e a *Agenda 2030 das Nações Unidas* (ODS).



Esta jornada assentará nos pilares das encíclicas do Papa Francisco *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti* e da exortação apostólica *Christus Vivit*, que nos convocam para o cuidado com a nossa Casa Comum. O Santo Padre diz-nos que «tudo está ligado. A preocupação com o Ambiente deve, assim, ser associada a um amor sincero pelos nossos semelhantes e a um compromisso inabalável de resolver os problemas da sociedade» (LS, 91). A JMJ Lisboa 2023 terá na sua génese o conceito de ecologia integral.

Teremos, ainda, como fonte de inspiração os seguintes Objetivos do Desenvolvimento Sustentável:

O ponto de partida para este compromisso é a sobriedade de cada um de nós em relação à utilização dos bens, assim como a honestidade de fazer o melhor possível. Que a JMJ Lisboa 2023 venha desafiar-nos, para que “cada um saia deste encontro melhor do que quando chegou” (Papa Francisco aos jovens que organizam a JMJ Lisboa 2023, Março de 2022).



Inspirados por estes valores e considerando a interpelação do Santo Padre a que vivamos segundo os valores da fraternidade universal e do cuidado com a Casa Comum, comprometemo-nos, juntos, a **fazer da sustentabilidade um objetivo central da concretização da JMJ Lisboa 2023.**

Queremos que a JMJ Lisboa 2023 seja uma referência no compromisso com a sustentabilidade e que deixe um legado positivo duradouro no território, na comunidade em geral, na equipa, nos parceiros, nos voluntários e nos peregrinos.

Vamos juntos construir a Jornada Mundial da Juventude mais sustentável de sempre!

Paulo Rocha, JMJ 2023





Santo António dos refugiados

Giulia Cananzi

Irmã Cristina com algumas crianças, antes do golpe de estado.

À direita: Irmã Ri Moe consolando uma refugiada. Fotos *messaggero di Sant'Antonio*, edição de 1/3/2022.

Em Myanmar, país isolado do mundo e devastado pelas atrocidades militares após o golpe de estado de há um ano, estamos a ajudar centenas de refugiados, graças ao apoio da Cáritas Antoniana, de seis freiras birmanesas e dos “Meninos de Santo António”. Uma história de dor e esperança, um testemunho exemplar.

A carrinha arranca pelas estreitas estradas da montanha por entre a densa floresta. O exército da Força de Defesa do Povo (PDF) abre caminho até aos campos de refugiados mais inacessíveis, onde as pessoas se refugiaram para escapar à violência feroz dos militares. Perderam tudo: casa, trabalho, contacto com os outros membros da família. Dentro da carrinha, sacos de arroz, cobertores, lonas e medicamentos dançam ao ritmo dos buracos. Por cima de todo o material, está um cartaz escrito à mão: “Santo António”. Estamos em Myanmar, um país do Sul-leste asiático, um ano depois do golpe de Estado militar, quando, no rescaldo da vitória esmagadora da Liga Nacional da Democracia de Aung San Suu Kyi, os militares contestaram as eleições e tomaram o poder.

As pessoas no campo de refugiados não conhecem Santo António, estão marcadas pelo sofrimento e pelas privações, mas, logo que aparece a carrinha começam a gritar: “Santo António! Santo António!”.

Os jovens que estão dentro da carrinha, porém, conhecem bem o Santo, pois desde pequenos, quando frequentavam a escola construída pelas missionárias do Santíssimo Sacramento de Loikaw, viam a imagem do Santo na casa das irmãs. Os rapazes da carrinha, depois das aulas, iam para a casa das Irmãs: por isso Santo António já fazia parte das suas vidas.

DESCIDA PARA A NOITE

Loikaw é a capital do Kayah, o território mais quente da guerra em curso, onde se refugiaram muitos dos grupos étnicos reprimidos pelos militares, pelo que foi constituída aqui uma resistência armada que agrupou grande parte da oposição, incluindo muitos médicos e enfermeiros, que foram dos primeiros a reagir contra o golpe.

Mas Kayah é também o estado em que a presença da minoria católica, hoje mais do que nunca perseguida, é mais consistente. Oiçamos a Irmã Rossana, responsável das irmãs em Myanmar. O seu sorriso contrasta com a situação dramática:

As nossas irmãs, todas birmanesas, resistiram em Loikaw enquanto puderam. Protegiam as raparigas, enviavam ajuda para as montanhas, acolhiam os refugiados. “Quanta oração a nossa imagem de Santo António recebeu nessa altura!”.

As 16 paróquias da diocese de Loikaw estão vazias; também as irmãs, divididas em três grupos, dirigiram-se para os campos de refugiados para levar ajuda. Graças a elas e à Cáritas Antoniana, procuram ir ao encontro daqueles que estão em extrema dificuldade. Com o apoio da Cáritas, conseguimos também recuperar um poço, que hoje dá água a 200 famílias.

Fora dos campos o caos reina e a situação é dramática, diz a irmã Rossana:

Nos primeiros três meses após o golpe de Estado não houve grandes mudanças. Tudo começou com as medidas anti-covid: não era possível sair de casa, a não ser uma hora e meia de manhã para ir ao mercado. O controle tornou-se mais apertado. Em maio, a situação em Kayah tornou-se infernal. Os militares entravam nas casas e vasculhavam-nas para encontrar sinais de pertença às pessoas do PDF. Em caso de suspeita, havia detenções sumárias, espancamentos e toda a família era atingida. Os militares queimavam bens, arroz e, às vezes, aldeias inteiras. Houve, até, cenas de crueldade horrível: há dias, prenderam, torturaram e mataram seis adolescentes, entre os 15 e os 17 anos. As pessoas, primeiro, refugiaram-se nas igrejas, que inicialmente eram poupadas, mas, depois, começaram a bombardear indiscriminadamente, a destruir casas, mercados e todo o tipo de atividades, até que a permanência nas aldeias se tornou impossível. A pobreza e o medo fizeram com que algumas pessoas se tornassem espiões do governo: fingiam-se refugiados, mas depois, em troca de alguns tostões, denunciavam quem tivesse algum contacto com os rebeldes. Assim, a situação tornou-se ainda mais angustiante.

TAMBÉM NÓS, EM LOIKAW

No dia 24 de dezembro, que passou à história como “o massacre de Natal”, os militares mataram 35 pessoas, inclusive quatro crianças, queimando-as vivas. A notícia conseguiu passar para o Ocidente, absorvido pelo Covid, só porque entre os mortos havia dois jovens birmaneses membros da *Save the Children*.

No dia 23 havia também uma carrinha de Santo António nas montanhas ao redor de Loikaw – recorda a irmã Rossana. O ambiente era de festa, porque a ajuda tinha felizmente chegado. Alertei a Irmã Giusy, a superiora, para que avisasse os rapazes da ajuda de Santo António para não continuarem a viagem, pois podia ser muito perigoso. No dia seguinte chegou a notícia dos 35 mortos, que nos abalou. O massacre ocorreu no mesmo caminho que os nossos rapazes deveriam ter feito.

Hoje, as mortes sumárias estão na ordem do dia; 400.000 pessoas fugiram das suas casas, 30.000 procuraram asilo nos países vizinhos. Myanmar mergulhou na miséria: a moeda entrou em colapso, a inflação está a subir, uma em cada duas pessoas vive abaixo do limiar da pobreza. Uma tragédia imensa que o mundo continua a ignorar e que o Papa Francisco insiste em denunciar, como na audiência geral do início de fevereiro, quando sublinhou que não podemos ficar indiferentes à “violência que está a ensanguentar Myanmar”, relançando depois o apelo dos bispos birmaneses “para que a comunidade internacional trabalhe pela conciliação das partes”.

E enquanto os grandes da Terra decidem (ou não decidem) o que fazer, é emocionante pensar que também nós, na noite mais escura de Myanmar, juntamente com os “meninos de Santo António” e as Irmãs de Loikaw, estamos nos campos dos refugiados, ao lado dos mais pobres dos pobres.

Repete a irmã Rossana, traindo a emoção:

É um milagre: conseguimos comida, medicamentos, cartões telefónicos e conforto através das irmãs. Às vezes, desanimo, mas, quando penso na coragem das minhas irmãs e das pessoas, no amor que eles têm pelo seu povo, volto a esperar e confio que a noite irá acabar. Obrigado pela vossa ajuda, muito, muito preciosa. Não nos abandonéis. Rezai, rezai, rezai.

Acompanhe este projeto em www.caritasantoniana.org ■



Uma questão de amor

Gilberto Borghi e Chiara Gatti

Já era noite quando chegaram a La Verna: tratava-se de um grupo de rapazes de um clã de escuteiros, que vinham de uma aldeia da Apúlia. Apesar das restrições devidas à pandemia que não dava sinais de passar, o grupo tinha conseguido organizar uma caminhada através da esplêndida natureza, onde São Francisco, num momento de crise profunda, escolheu viver, para estar a sós com Deus.

Depois do primeiro confinamento, nos primeiros meses de 2020, foram os próprios rapazes a pedir aos chefes, Lucas, de 25 anos e Laura, de 27, que os levassem até ao monte Alverne, para redescobrirem algo daquele amor pela criação que o santo certamente tinha vivido intensamente e que, devido à pandemia, parecia tornar-se novamente moda. Na verdade, com frequência ouviam-se frases como: “A natureza está a revoltar-se!”, “A pandemia chegou porque não respeitamos a natureza” e outras semelhantes.

Uma vez montadas as tendas e após terem pernoitado, os rapazes, de manhãzinha, foram participar na Missa no santuário existente naquele lugar e, com surpresa, ouviram a homilia do frade que celebrava, que parecia ter sido preparada para responder precisamente à questão que os tinha levado lá: que fazer para atuar da melhor forma com a natureza que recebemos como presente e que, hoje, parece tão agastada por sofrer tantos abusos, provocados pelos homens?

O frade, com uma voz tão vibrante que até dispensava microfone, falou de como São Francisco tinha amado a natureza, precisamente porque reconhecia nela a marca do amor deixado por Deus criador. E, sobretudo, falou de como tantos outros amigos e seguidores de Francisco se tinham unido a ele neste louvor da criação, cultivando uma relação com as criaturas que, hoje, talvez, nem conseguimos imaginar.

Em seguida, o frade chamou a atenção sobre Santo Antônio, um irmão muito querido de Francisco, referindo que, perto de Rimini, no sítio em que o rio Marecchia desagua no mar Adriático, ele tinha falado a uma multidão de peixes que ali acorreram.

Nessa ocasião, os peixes, tidos como surdos e mudos, não só se tornaram capazes de ouvir, mas também estiveram em condições de dar uma espécie de resposta alegre através da emissão de sons.

Antônio tinha-lhes falado do grande amor que Deus tem por eles e que os tinha colocado na água, para aí encontrarem um espaço de vida e um abrigo seguro; mais, falou de como a Bíblia estava cheia de referências acerca do papel fundamental que eles tinham desempenhado na história sagrada, bem como na vida de Jesus.

Claro que este milagre, do diálogo entre Antônio e os peixes, tinha despertado a curiosidade de uma multidão de hereges que ali acorreram; enquanto, pouco antes, não quiseram ouvir as palavras evangélicas do Santo, agora, depois de ver o milagre, deram ouvidos ao seu apelo e converteram-se, acreditando no Amor de Deus.

Aqueles rapazes, entre os 18 e os 20 anos, com a farda de escuteiros e, em alguns casos, com rastas no cabelo, *piercing*s no nariz, dois, três ou quatro brincos na orelha e uma ou outra tatuagem transparecendo debaixo do lenço, iluminados pela primeira luz do dia, sentados nos bancos de madeira da igreja, espaçados por causa das medidas anti-covid, davam a ideia de uma estranha mistura.

Laura observava-os: tinha sido convidada a tocar viola para animar a Missa, juntamente com o frade que tocava órgão; desta forma, podia vê-los de frente, enquanto escutavam as palavras do pregador. Observava as emoções nos seus rostos ainda sonolentos, às vezes mais evidentes, outras mais contidas.

António, ao falar aos peixes o que é que terá obtido de Deus, senão a possibilidade de mostrar aos incrédulos de Rimini que para permanecer em diálogo era necessário bem-dizer-se mutuamente, como criaturas?

Também ela, embora quase dez anos mais velha, se colocava a mesma pergunta: como é que a loucura humana pode chegar a quebrar o equilíbrio natural com o risco de uma evidente catástrofe, da qual a pandemia era apenas a ponta do icebergue, juntamente com as alterações climáticas, a desertificação de tantas áreas do planeta, a pobreza causada pelas profundas injustiças perpetradas todos os dias, começando precisamente pela falta de respeito pelo próprio ambiente que Deus nos deu como jardim para habitar?

Mas isso era, talvez, retórica jornalística, pensou ela, e, contra tudo isso, já bastava a voz que Greta Thunberg levantava diante dos poderosos da Terra, nos vários encontros ecológicos dos Verdes e dos jovens ecologistas contra os vários G8, G20... Mas, agora, estes peixes que falaram com Santo António: que significado podia ter isso? Para além do mais o problema naquele momento era outro: o que iria responder aos jovens quando, à saída da Missa, certamente lhe iriam colocar a pergunta sobre a veracidade daquela história?



As palavras sagradas negadas pelos heréticos, os peixes escutaram com atenção - Sermão de Santo António aos peixes, Santuário da Nogueira, Camposampiero. Foto Deganello Giorgio. Arquivo MSA 1994.

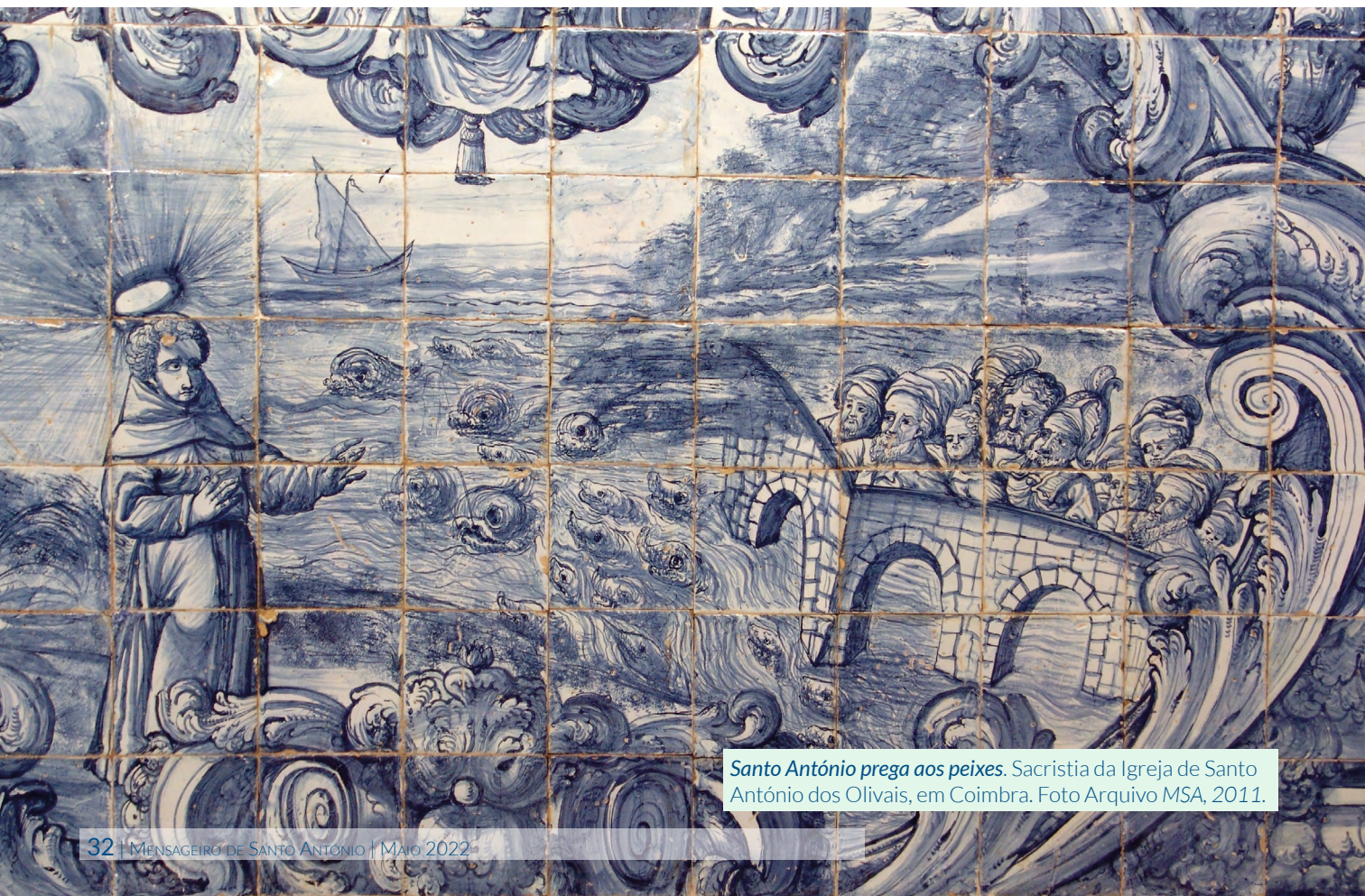
Teve uma sensação de desconforto. De repente, sentiu os braços cansados, como se a viola se tivesse tornado mais pesada: tão pesada como as respostas que não encontrava. Entretanto, o frade, como um pano de fundo, continuava a falar: “De guardiães, tornámo-nos donos da natureza. Pelo contrário, São Francisco e Santo António encontraram uma forma para se manterem em diálogo com a natureza e os animais, respeitando-os, deixando-os no seu lugar...”. Bem, isso era verdade. Nessa altura, outro fragmento da homilia captou a sua atenção: “Pois de Ti, Altíssimo, és imagem!”. O frade continuava, cada vez mais entusiasmado e confiante: “No seu *Cântico das Criaturas*, Francisco louva a Deus com todo o seu ser, primeiro, pelo Irmão Sol, imagem do próprio Deus...”.

Um rasgo de luz inundou o coração de Laura: isto poderia ser a chave de tudo, sem tanta retórica! Isto poderia ajudá-la a enfrentar as perguntas dos seus escuteiros: as criaturas têm a marca desse amor imenso que Deus tem por nós, pelos outros, por tudo o que Ele criou e colocou no esplêndido jardim que habitamos.

O mesmo jardim onde as Ilhas Barbados estão a desaparecer, engolidas pelo oceano, porque, nos antípodas, os glaciares perenes estão a derreter.

E, então, António ao falar aos peixes o que é que terá obtido de Deus se não a possibilidade de mostrar aos incrédulos de Rimini que para permanecer em diálogo era necessário bem-dizer-se mutuamente, como criaturas? Afinal, António acabara de dizer aos peixes simplesmente quanto Deus os tinha amado e por isso eles tinham respondido com alegria. Isto – pensou Laura – devia ajudar os jovens a entender, que, para além da recolha diferenciada de resíduos ou da poupança de água em casa, deviam aprender, também, a contemplar em todas as criaturas o “sentido” de que Deus nos ama loucamente e sempre. Isto sim levaria a um verdadeiro respeito pela Criação, por uma motivação interior e não por publicidade, *slogans* ou por medo da morte do planeta nos próximos cem anos; um respeito que nasce do amor e não do medo.

Deram-lhe um toque: tinha-se distraído, o frade já prosseguia a Missa e ela devia tocar o cântico do ofertório... ■



Santo António prega aos peixes. Sacristia da Igreja de Santo António dos Olivais, em Coimbra. Foto Arquivo MSA, 2011.

Orações

a

Santo António



Meu santo António, peço-te ajuda e apoio no problema de saúde que me apareceu. Espero que seja apenas um aviso. Também te peço que ajudes a minha família e, em especial a minha mulher, filho e netas. Quero que me apoies nesta caminhada e me ajudes a encontrar a casa para finalmente esperar pelo meu final de vida, mas com felicidade, paz e qualidade de vida. *António*

Querido Santo António, peço e agradeço a paz. Pela paz na Ucrânia e em todo o mundo, pela paz dentro de cada um de nós e pela paz na minha união de esposos com o meu João. Da tua devota muito agradecida. *Vera*

Que Deus, por intercessão de Santo António me conceda a paz de espírito e a toda a minha família. Concede a paz ao que partiram. Também te peço a paz para todos os povos em guerra, em especial para o povo ucraniano. *Gil*

Meu querido Santo António, antes de mais desculpa, no mês de Fevereiro não te escrevi, esqueci-me. Desculpa, mas estás sempre no meu coração. Tive um mês de Março muito difícil, sabes das minhas preocupações do momento, vem aí o mês de Abril com muitas esperas por novas. Peço-te que sejam novas boas, simplesmente saúde para o António. Que tudo esteja bem e continue bem. Não te esqueças de o proteger totalmente. Adoro-te, até para o próximo mês. *Helena*

Querido Santo António, ajuda o meu filho no estudo, dá-lhe saúde, alegria, fé e sorte. Ajuda também a minha filha S, que melhore da vista, que seja feliz no casamento e tenha sorte na vida e no emprego. Senhor, acolhe a minha filha MI que morreu aos 53 anos de idade. Dai a paz ao mundo, que acabe a guerra. *Joselina* ■

MISSA DA FAMÍLIA ANTONIANA

Muitos assinantes e leitores da nossa revista pedem para ser incluídos na oração que os Frades franciscanos da Igreja de Santo António dos Olivais elevam, diariamente, ao Senhor para que a Sua graça, pela intercessão de Santo António, desça abundante sobre todos aqueles que a Ele recorrem.

Em consequência disso, os confrades de Santo António acharam por bem promover a seguinte iniciativa: **na primeira terça-feira de cada mês**, a Eucaristia celebrada na igreja de Santo António dos Olivais, em Coimbra, às 18h30, terá uma intenção particular pelos assinantes, amigos, benfeitores e colaboradores, vivos e defuntos, da revista *Mensageiro de Santo António*.

A celebração desta Santa Missa será transmitida em direto nos canais *Youtube* e *Facebook* do *Mensageiro de Santo António*.

Esperamos que esta iniciativa robusteça os laços de fé e de comunhão entre toda a Família Antoniana e estimule todos os cristãos na renovação da sua vida, a exemplo de São Francisco de Assis e de Santo António.

Primeira terça-feira de cada mês



Visitação

de Maria a Isabel

A PALAVRA DE DEUS

Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente para a montanha, em direção a uma cidade de Judá.

Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel.

Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino exultou-lhe no seio.

Isabel ficou cheia do Espírito Santo e exclamou em alta voz:

“Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre.

Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?

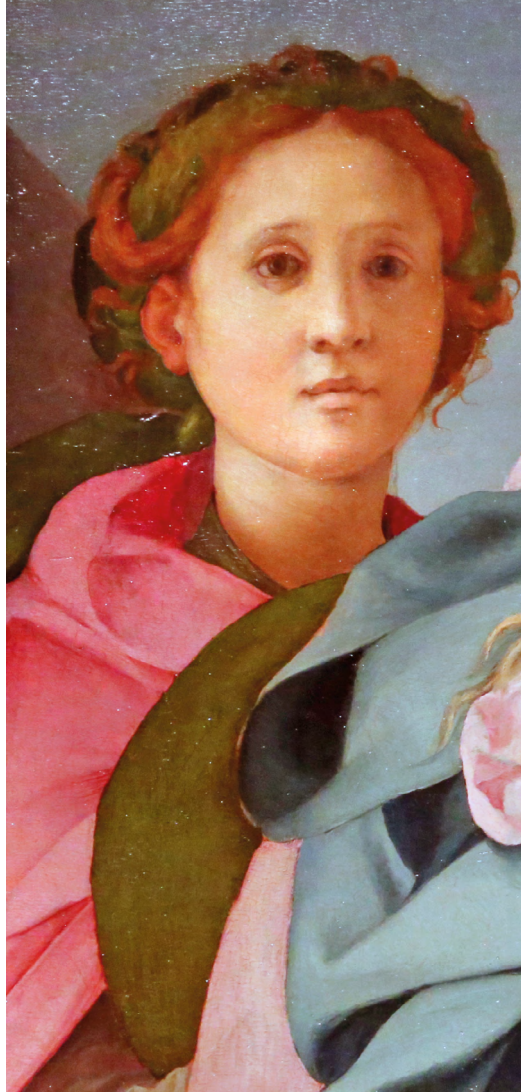
Na verdade, logo que chegou aos meus ouvidos a voz da tua saudação,

o menino exultou de alegria no meu seio.

Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor”.

Maria disse então: “A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador...”.

Lc 1,39-45.56



Óleo sobre madeira A Visitação, Por

A PALAVRA DE SANTO ANTÓNIO

Bendito é o fruto do teu ventre.

Lê-se no *Cântico dos Cânticos*: “O seu fruto é doce à minha boca”.

Este fruto foi doce no início, no meio e no fim: foi doce no útero, doce no presépio, doce no Batismo, doce no deserto, doce na palavra, doce no patíbulo, doce no milagre, doce montado no burrinho, doce no açoite, doce no sepulcro, doce no inferno, doce no céu.

Ó doce Jesus! Que coisa há mais doce do que tu? Quem é, pois, Jesus, senão o Salvador?

Portanto, querido Jesus, pelos teus méritos:

Tu que deste início à doçura, isto é, à fé, concede-nos também a esperança e a caridade, para que, vivendo e morrendo nelas, mereçamos chegar a Ti.

“De nada vos serve levantar mais cedo e deitar mais tarde, para comeres o pão das canseiras, pois Ele o dá aos seus amigos, enquanto dorme. Olhai! Os filhos são a herança do Senhor; o fruto das entranhas é a recompensa.” (Sal 126, 2-3).

Chamam-se amigos os que estão unidos duplamente.

Quando, portanto, depois do trabalho, dá o sono e o descanso aos seus amigos, àqueles que estão ligados com os vínculos do duplo amor: eis a herança do Senhor!...

a recompensa do Filho Jesus Cristo, a recompensa da Paixão que o Pai Lhe deu: fazer dos seus amigos, aqueles que estão ligados a Ele no amor a Deus e ao próximo, os seus herdeiros no reino de Deus..

Este Filho é o fruto do ventre virginal: “Bendito é o fruto do teu ventre”.

Sermões de Santo António



Frei Valentim Strappazzon

ntorno, 1528-1529, Igreja de São Francisco e São Miguel, Carmignano, Florença, Itália. Foto The Torck Project (2022) | Commons Wikimedia.

APROFUNDAMOS

Santo António não comenta diretamente o Evangelho da Visitação (Lc 1, 39-56); no entanto, fala dele em várias passagens dos Sermões que comentam a saudação de Isabel: “Bendito é o fruto do teu ventre”.

Propomos três passagens:

A **primeira** está relacionada com o *Cântico dos Cânticos* (2,3): “O seu fruto é doce para a minha boca”. António sublinha a doçura do Filho da Virgem em todos os grandes momentos da sua vida terrena, desde a Encarnação no ventre de Maria até à sua Ascensão ao céu. É uma doçura ligada ao nome do Salvador, que infunde em nós fé, esperança e caridade para viver, morrer e chegar até Ele.

A **segunda** é a herança que o Pai lhe oferece como recompensa pela sua Paixão: fazer dos seus amigos, aqueles que estão ligados a Ele com o duplo amor a Deus e ao próximo, os seus herdeiros no reino de Deus. Também nós fazemos parte desta herança, se nos amarmos e vivermos as belas realidades da fé, da esperança e da caridade. São realidades que, infelizmente, grande parte do nosso mundo perdeu.

A **terceira** passagem: “Ó doce Jesus! Que coisa há de mais doce do que vós?” interpela-nos diretamente. Que frutos procuramos na nossa vida? Os que a mentalidade do nosso tempo nos propõe, os que estão na moda, ou coisas mais substanciais, como suportar os momentos difíceis, rejeitar toda violência, proteger o amor verdadeiro, ajudar quem sofre e fazer reinar a paz?

Talvez, como sugere o nosso Santo, precisemos de nos tornar humildes, como o Filho de Maria que na Encarnação estabeleceu em nós a morada da fé: “A minha alma engrandece ao Senhor”, porque o grande, que se fez pequenino e humilde, o santo que santifica Israel, está no meio de ti, isto é, no teu ventre. ■



JESUS RESSUSCITA HOJE

*Pensava que tivessem morto Jesus,
mas hoje vi-o dar um beijo a um leproso.*

*Pensava que tivessem cancelado o seu nome,
mas hoje ouvi-o dos lábios de uma criança.*

*Pensava que tivessem crucificado as suas mãos bondosas,
mas hoje vi-o enquanto cuidava de uma ferida.*

*Pensava que tivessem trespassado os seus pés,
mas hoje vi-o caminhar pelas ruas dos pobres.*

*Pensava que o tivessem morto uma segunda vez com as bombas,
mas hoje ouvi-o falar novamente de paz.*

*Pensava que tivessem sufocado a sua voz fraterna,
mas hoje ouvi-o dizer: “Porquê, irmão?”, a um que batia no próximo.*

*Pensava que Jesus tivesse morrido no coração dos homens
e tivesse sido sepultado no esquecimento,
mas entendi que Ele ressuscita, hoje também,
todas as vezes que cada homem tem piedade de outro homem.*